

1 - Lembranças do Futuro

Significativamente aquele voo começou em um jato da Royal Nepal Airlines que decolou de Kathmandu, Nepal, às 3 da tarde, com destino a Nova Délhi, Índia. Era o início do mês de fevereiro de um ano qualquer na década de 90 do Século XX, meados do inverno no hemisfério norte, e o Sol já descambava para o horizonte.

Observando o céu, o passageiro notou que o avião parecia tomar o rumo oposto ao da capital indiana (que fica mais para oeste da capital Nepali), embicando para leste. Antes que no espírito do viajante pudesse tomar forma o temor de algum problema, como erro de rota ou desvio por sequestro, o comandante avisou, pelo som de bordo, que a companhia estava oferecendo uma cortesia extra: o sobrevoo do Evereste.

O teto do mundo fica a uns 200 quilômetros a leste de Kathmandu, ligeiramente para o norte. Em quinze minutos o jato se defrontava com a imponência da grande montanha. Nem mais o ronco suave das turbinas se ouvia a bordo. Foi como se o silêncio que se impôs à alma de cada passageiro reinasse na cabine. Recortado contra o céu da tarde gelada, o Evereste girava lentamente junto com a curva descrita pela aeronave.

Na imaginação do passageiro, a solene rotação virtual funcionou como uma gigantesca dobradiça abrindo a porta para um passado que nada têm de ultrapassado ou morto, de deuses e demônios, guerreiros e sábios. Do cimo daquelas neves eternas, 40 eras contemplavam a aeronave moderna.

Embora a 9 mil metros, pouco acima do ponto mais alto da face da Terra, sentia-se em todos a bordo a atitude reverente de quem se encontra diante do Trono de Deus. Ao redor dali, na cordilheira do Himalaia, moraram os Budas Vivos, seres humanos divinizados, ou entes divinos humanizados, que reinaram sobre o território do Tibete e cujo império espiritual se estendeu à maior parte do mundo conhecido, durante milênios. Para os povos do Trans-Himalaia, que se espalharam da Índia à Mongólia, foi esta a mais sagrada das terras.

* * *

A LUZ RESIDE, AGORA, NO OCIDENTE

Estando o Evereste, Kathmandu e Nova Délhi praticamente na mesma latitude, todos se interligam pelo paralelo que, no seu prolongamento ao redor do globo, vai passar pelo Golfo do México. E a ligação entre as duas afastadas regiões - o Himalaia e o Golfo - é mais do que simplesmente cartográfica. A mesma Tradição Primordial que gerou os Budas Vivos do Tibete e depois os Budas Vivos da Mongólia teve origem no que é hoje o Mar do Caribe e seu entorno, lá onde muito antigamente existiram as terras firmes da lendária Atlântida. Esta Tradição tem raízes também no coração da atual América do Sul, onde hoje se encontra o planalto central brasileiro.

O jato rumou para oeste logo depois de concluída a reverência aérea ao Trono. Era afinal a sua rota programada. Porém, para o passageiro atento, havia na situação bem mais do que uma mera coincidência. Ele tinha notícia do ramo mais atual do Ocul-

tismo: segundo as convicções deste ramo, os valores espirituais desenvolvidos no Oriente chegaram ao máximo que podiam alcançar nas condições existentes ali, e agora estão de volta ao Ocidente para um novo giro da espiral da Evolução.

Pela a história contada em certas escolas de iniciação, a civilização atlante correspondeu, no seu auge, à mais completa Idade de Ouro que a Humanidade já conheceu. Adiante neste livro, vamos descrevê-la. Neste ponto, importa dizer que a Idade de Ouro foi sucedida pela Idade do Ferro ou das Trevas, em uma queda gradativa ao longo de cerca de um milhão de anos, passando pelas Idades do Bronze e da Prata. A Idade das Trevas é conhecida na Tradição como Kali-Yuga e nela nos encontramos hoje.

Para Helena Blavatsky (1831-1891), fundadora da Teosofia, a atual Kali-Yuga começou há “apenas” uns cinco mil anos, com a morte de Krishna, e sua duração total prevista é de 432 mil anos. Mas depois da morte da fundadora da Sociedade Teosófica, esta expectativa mudou radicalmente.

Há notícia (como veremos depois) de que o fim da Idade das Trevas foi muito antecipado pelo resgate cármico ao qual o Programa da Evolução teve de recorrer para que a Humanidade não perecesse em consequência dos grandes conflitos do século XX. Principalmente aquele onde pela primeira vez se utilizou armamento nuclear.

A bordo do jato nepalês, o passageiro brasileiro lembrou-se de que antiquíssimas profecias apontam para o Novo Mundo - e nele o Brasil - como sendo o palco do início de uma novo período de saúde física, ambiental, mental e espiritual do planeta - ou seja, uma nova Idade de Ouro.

O REI DO MUNDO E UMA PROFECIA ACONTECIDA

Um dos personagens mais fascinantes e intrigantes da mitologia ocultista é o Rei do Mundo, o mesmo que, na Bíblia, aparece com o nome de Melkitsedek. Na tradição tibetano-mongol, ele foi conhecido como Rigden-Jiepo (mudou de nome em meados do século XX). Dele, conhece-se uma terrível profecia sobre a situação mundial. Foi colhida na Mongólia e repassada ao Ocidente pelo escritor polonês Ferdinand Ossendowski, no livro “Bestas, Homens e Deuses – O Enigma do Rei do Mundo”, escrito nos anos 20. Nessa obra, Ossendowski, um guarda-branco que teve de fugir dos bolchevistas na Revolução soviética, relata sua longa peregrinação no Trans-Himalaia, inicialmente empreendida a contragosto, e depois apaixonante para ele e seus futuros leitores.

O Rei do Mundo é um paradoxo vivo, um conceito aparentemente contrário ao senso comum: sendo um personagem real, seu habitat está na esfera do Mito. Ele vive em uma dimensão paralela à nossa e ao mesmo tempo mesclada com esta. Seu reino é profundamente subterrâneo: os Mundos Interiores de Agartha e Shamballah.

A profecia do Rei do Mundo foi feita na virada do século XIX para o século XX e não se refere a nenhum país em particular. Antes, traça um quadro geral de sabor

apocalíptico, mas com uma insinuação de esperança por melhores dias, no fim. Para essa fase de bonança depois da tormenta é que entram em cena as predições sobre o Novo Mundo e especialmente o Brasil. (O Rei do Mundo, 1978. René Guénon. Ed. Cavalo Branco).

Ainda hoje em dia, geralmente se apresenta a predição feita por Rigden-Jiepo como referindo-se a acontecimentos futuros. Porém, na realidade, suas previsões, feitas no alvorecer do século XX, em grande parte cumpriram-se ao longo deste. Veja-se logo a seguir uma relação dos grandes acontecimentos já ocorridos e que “batem” com os citados por Rigden-Jiepo na profecia. O Leitor poderá fazer o cotejo entre o profetizado (citado mais abaixo) e o acontecido.

Profetizou o Rei do Mundo:

As duas Guerras Mundiais, que mataram e mutilaram milhões, mediante o uso de armas extremamente cruéis que impediram (e impedem) a defesa das vítimas, como a bomba nuclear e os gases mortíferos os bombardeios nucleares de Hiroxima e Nagasáqui, os ataques aéreos com bombas incendiárias que destruíram Dresden, arrasaram Nurembergue e castigaram Londres, além de muitas outras cidades, inclusive nas guerras que vêm-se sucedendo após a segunda conflagração mundial: Coréia, Vietnã, Oriente Próximo, Golfo Pérsico, Iugoslávia etc. desmoronamento de potências bélicas como a Alemanha nazista, a Itália fascista, o Japão imperialista e a Rússia comunista a crise dos EUA deflagrada pelo crack da Bolsa de Nova Iorque em 1929 e a sombra que ficou pesando sobre o regime capitalista depois da queda do império soviético, com a expectativa mundial de que os EUA serão a “bola da vez” fim do império colonial europeu (inglês, português, belga, francês, holandês etc.) na Ásia e na África a onda de corrupção política e governamental que vem atingindo muitos países grandes fomes como a de vários países africanos, além da fome endêmica em muitas partes do mundo a revolução dos costumes e o “liberou-geral”, desmoralizando velhos tabus mas também gerando incerteza e decomposição moral pelo excesso na exaltação ao sexo nesse contexto, a crise universal da família avanço da toxicomania fim das monarquias autoritárias, substituídas (com raras exceções) pela monarquia parlamentarista (democrática) a destruição ambiental em níveis nunca antes imaginados a poluição sonora, inclusive pelo rock pauleira (cujos malefícios de larga escala foram denunciados no final da década de 80 pelo roqueiro britânico Sting num depoimento que, com toda a momentânea repercussão mundial, caiu ou “foi caído” no esquecimento)

De algum modo, nesses malefícios podem-se perceber de forma mais ou menos explícita os benefícios que vêm juntos. Para construir um mundo novo, é necessária a destruição do mundo velho. Como se verá logo adiante, o Rei do Mundo delineou o panorama da crise e da decadência para depois entrar com a transformação, como sendo uma coisa o indispensável preâmbulo da outra.

Disse Rigden-Jiepo:

“Cada vez mais os homens esquecerão as suas almas, preferindo ocupar-se de seus corpos. A maior corrupção reinará sobre a Terra. O Crescente se aniquilará e seus adeptos cairão em miséria e guerra perpétua. Seus conquistadores serão iluminados pelo Sol, mas não se elevarão duas vezes; acontecerá a maior das desgraças que culminará em injúrias diante de outros povos. As coroas dos reis, grandes e pequenos, cairão, uma duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito... Haverá uma guerra terrível entre as nações. Os oceanos se tingirão com o sangue de irmãos contra irmãos. As terras e o fundo dos mares ficarão cobertos de ossadas. Povos inteiros morrerão de fome, ou por moléstias desconhecidas, ou pela prática de crimes não previstos nos códigos com que se regem os homens, e isto por nunca terem sido vistos iguais na terra...

As maiores e mais belas cidades serão destruídas pelo fogo.

O pai se revoltará contra o filho, o irmão contra o irmão e a mãe contra a filha. O vício, o crime, a destruição do corpo e da alma continuarão a sua rota fatal... As famílias serão divididas... O amor e a fidelidade desaparecerão, porque a prostituição reinará até nos lugares mais sagrados... Em dez mil homens [pessoas], um só viverá, mesmo assim, louco e sem forças, não encontrando habitação nem alimento. Toda a Terra ficará deserta. Deus lhe voltará as costas. Sobre ela cairá o espesso véu da noite e da morte...

Então enviarei um povo, agora desconhecido, que, com mão firme, arrancará as más ervas da loucura e do vício. E conduzirá aqueles que ficaram fiéis ao Espírito de Verdade na batalha contra o mal... Fundarão eles uma vida nova sobre a Terra purificada pela morte das nações. Então os Povos da Agarthá sairão de suas cavernas subterrâneas e aparecerão na face da Terra... ”.

Conforme veremos ao longo deste livro, os habitantes das "cavernas subterrâneas" ou Mundos Interiores, os Povos de Agarthá, já não são tão desconhecidos como no tempo da profecia.

A colocação feita por Rigden-Jiepo vem motivando uma variedade de interpretações sobre quem seriam estes reformadores/salvadores.

Para a ufologia mística, eles virão (já estariam vindo) em naves espaciais (discos-voadores) ou, mais atualizadamente, veículos interdimensionais. Seriam eles os Ets, ITs e UTs.

Em outro nível de entendimento, os Povos de Agarthá já estão atuando entre nós, de três maneiras básicas.

Primeiro, inspirando um grande número de pessoas por meio do espalhamento de ideias e sentimentos no aura da Terra (no *akasha*, arquivo vivo do Universo).

Segundo, encarnando em um considerável número de crianças por toda parte, sem restrição ou discriminação social, econômica, “racial”, geográfica nem ideológica.

Terceiro, em número muito menor, vindo fisicamente para a face da Terra (passando por portais dimensionais).

Os Povos de Agartha (ainda) têm opositores. Em outro ponto, veremos como a medonha situação descrita por Rigden-Jiepo resultou da luta entre dois regentes de megaciclos da Evolução, seres cósmicos conhecidos como Planetários. Eles recentemente se reconciliaram e juntos estão criando as condições para que a Terra e a Humanidade saiam da Idade das Trevas em curto prazo. Mas há, pelo caminho, o bagaço da luta, restos cármicos ainda ativos, por resolver.

Tudo isto faz parte da mitologia viva centrada em torno da figura do Rei do Mundo, e é um dos temas centrais deste livro.

*

ENTRE O TIBETE E O BRASIL O ENREDO DA EVOLUÇÃO

Para a entrada de uma nova Idade de Ouro, o centro das atividades humanas teria de passar das velhas terras desgastadas por toda uma era de conflitos, para áreas que ficaram isoladas e relativamente a salvo da guerra cósmica com seus reflexos no plano humano. E segundo uma profecia tibetana de antiguidade desconhecida, citada pelo 13º Dalai Lama (morto em 1924), o centro dessa nova fase será o Brasil. A função de Dalai Lama (governante temporal e espiritual do Tibete) correspondia a uma representação, na face da Terra, do Rei do Mundo subterrâneo.

Em 1904, o coronel inglês Younghusband, então chefe das tropas britânicas que dominavam o Tibete, leu um documento intitulado **“Fatos que ocorrerão no ano do Dragão da Madeira”**, com previsões de astrólogos tibetanos. Eles previam as duas Grandes Guerras Mundiais, a data da morte do 13º Dalai Lama e a invasão deste país em 1950 pelos chineses.

“Mas além disso {a previsão} continha uma informação otimista: a luz da sabedoria voltará a brilhar no Ocidente, em especial na terra de Fu-Sang”, afirma o engenheiro de telecomunicações e professor de yoga Arlindo Fiorentin, em seu livro **“Tibete – Terra de Magia e Mistério”** (Ediouro). Fiorentin é espiritualista, estudioso dos mistérios tibetanos e um entusiasta da idéia de que ao Brasil cabe agora um papel de relevo nos acontecimentos ligados ao programa cósmico da Evolução.

Segundo ele, o 13º Dalai Lama, falecido em 1924, confirmou as previsões dos astrólogos no seu testamento político, no seguinte texto, citado também, anteriormente (em um livro de título quase igual ao de Fiorentin) pela andarilha britânica Alexandra David-Neel, que viveu mais de 100 anos e morreu na década de 60:

“No Ano do Tigre de Ferro e da Terra, a religião e a administração secular do Tibete serão atacadas pelas forças da Fênix Vermelha. O 14º Dalai Lama e o Panchen-Lama serão vencidos. As terras e as propriedades dos mosteiros lamaístas serão distribuídas entre os invasores. Os nobres e as altas personalidades do Estado terão suas terras e seus bens confiscados e, para não morrer, terão que servir às forças invasoras. Contudo, a grande luz espiritual que há séculos brilha sobre o Tibete, não

se apagará. Ela aumentará, se difundirá e resplandecerá na América do Sul e, principalmente, nas terras de Fu Sang, onde será iniciado um novo ciclo de progresso com a nova sétima raça”.

Conclui Fiorentin: “Ora, 1950 é o Ano do Tigre de Ferro e da Terra, Fênix Vermelha são os comunistas chineses e Fu Sang, para os tibetanos, é o Brasil”.

Um outro autor, Aníbal Vaz de Mello, notabilizou-se também pelos dois livros que publicou – **A Era de Aquarius** e **Sinal dos Tempos** - , defendendo igualmente o ponto de vista de que o Brasil tem bagagem do passado, viva e válida no presente para engrandecer o país e o mundo no futuro imediato.

O autor que mais escreveu e trabalhou para tornar uma realidade estas expectativas sobre o Brasil foi Henrique José de Souza (1883-1963). Ele fez sua iniciação ocultista no Tibete e na Índia, aos 16 anos de idade. De volta ao Brasil, criou, já adulto, um movimento mental-espiritualista (hoje chamado de Eubiose) que, partindo da tradição teosófica, colocou nosso País no centro da trama evolucionar. Esta é conduzida por uma grande e misteriosa entidade conhecida na Tradição Primordial (da mitologia ocultista) como o Governo Oculto (também dito Espiritual) do Mundo (o GOM) ou Grande Fraternidade (Branca ou de Luzes). O Rei do Mundo é o chefe do GOM.

Henrique José de Souza foi antes de tudo um invencível otimista, um mestre misterioso e um incansável trabalhador cultural. Trabalhou com informações transcendentais que, emolduradas por uma assombrosa cultura geral, foram por ele colocadas como “revelações”. Seu conhecimento não cabe facilmente no plano racional e é repassado em textos, algo cifrado, às vezes com tom mágico, ora com doçura, ora com firmeza. Mesmo nos momentos mais difíceis da situação nacional e diante dos problemas mundiais mais inquietantes, HJS sempre expressou convicção de que o Brasil terá relevante papel anunciado, em benefício de toda a Humanidade, e sem demora. Ele chamou a isto de “saque sobre o futuro”.

No livro **“O Tibete e a Teosofia”**, o teósofo espanhol Mario Roso de Luna relata que antigamente existia no mosteiro de Narabanchi-Kure, em Urga, Mongólia, uma galeria de 33 nichos. Cada qual continha a estátua de um Buda-Vivo, desde o primeiro até o último, cujo nascimento se esperava para o Século XX. Todos os indivíduos retratados eram francamente do tipo mongólico – exceto um, justamente o derradeiro, que tinha tipo ocidental e pele de um moreno mais claro. A quem perguntasse, os lamas explicavam que aquele personagem nasceria em terras do Ocidente, onde passaria a centralizar-se o programa da Evolução.

É comum a vários povos antigos a tradição relativa a uma terra encantada onde persistia o paraíso terrestre. Esta lenda estava viva no sentimento da marujada que se engajou nas grandes navegações portuguesas, ao tempo de Bartolomeu Dias, Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral.

Para muitos jovens que se fizeram ao mar, ainda se podia encontrar o Éden bíblico na então Ilha de Vera Cruz (depois Brasil).

Na linha da Teosofia ortodoxa, deve-se citar o grande interesse que o pensador indiano Jinarasadasa demonstrou pelo Brasil. Em meados do Século XX, o então Presidente da Sociedade Teosófica (que tem sede na Índia) comportava-se como um entusiasta de nosso País, aprendendo a falar português e visitando-nos por três vezes. No livro **“Fundamentos da Teosofia”** (Editora Pensamento), Jinarasadasa não se distanciou da opinião teosófica de que a Idade de Ferro ainda vai durar uns 40 milênios, podendo ocorrer, no meio tempo, períodos relativamente favoráveis, (pequenos ciclos (idades) de ouro). Para os teósofos ortodoxos, a vez de o Brasil assumir a vanguarda da Evolução só chegará mesmo daqui a uns 25 mil anos. Para eles, não houve o “saque sobre o futuro”, que aponta para a imediata antecipação da ascensão brasileira. Nem por isso Jinarasadasa deixou de sentir e reconhecer que temos nossos valores positivos e que nestas terras, em se plantando boas sementes espirituais, tudo dá. Em 1993, a Sociedade Teosófica escolheu o Brasil para sediar seu congresso anual.

Segundo a revista **Ano Zero** (edição de agosto de 1993), o país de Fu Sang, falado nas tradições do Tibete, é o Brasil. Para chegar a esta informação, a revista reuniu as informações já citadas e mais a da escritora Chiang Sing. Esta, apesar do nome chinês, era brasileira, tendo vivido no Oriente muito tempo. No Brasil, conheceu grande popularidade e prestígio, inclusive com o livro **“Mistérios e Magias do Tibete”** (Editora Rodemar, Rio de Janeiro, 1965). Ela informa que Fu Sang situa-se na América do Sul. Segundo **Ano Zero**, citando a autora, *“os tibetanos chamam Fu Sang ao Brasil, onde dizem que teve início sua civilização antes do grande dilúvio”*.

Pela tipologia, os nossos índios, remotos remanescentes da desaparecida civilização da Atlântida, que na Tradição primordial ou mitologia ocultista tem tudo a ver com o Rei do Mundo e os povos de Agartha, são aparentados aos tibetanos. Estes conservam, desde um passado imemorial, as mesmas características físicas (aliás, predominantes entre as etnias atlantes, todas das hoje chamadas “raças amarelas” – também chineses, japoneses, coreanos, vietnamitas, ameríndios etc.). Quando Chiang Sing cita a tradição sobre a terra de Fu Sang, onde teria começado a civilização tibetana, provavelmente se refere a esse passado. Desta forma, o Brasil já teve posição de relevo na Evolução e está voltando a ter.

Arlindo Fiorentin é específico quando procura fundamentar sua convicção de que Fu Sang é o Brasil. Ele registra a tradição de que duas expedições chinesas estiveram nas Américas (via Oceano Pacífico) muito antes dos europeus. A primeira foi no ano de 2250 a C. e a segunda no século V da Era Cristã.

Nesta, os chineses teriam chegado à região que hoje corresponde ao México. Consta de uma crônica da época que um monge budista de nome Hwui Shan, integrante da expedição, ao voltar à China, revelou perante a Corte que havia ido a um país distante, a leste (os expedicionários cruzaram o Pacífico navegando na direção do nascente). O termo Fu Sang, escolhido pelos chineses para denominar aquela região mexicana, é o mesmo nome dado a uma planta da América Central. Para eles, todo o Novo Mundo constituía uma só região, daí *Fu Sang* terminar sendo aplicado ao Brasil.

Na informação ocultista, os tibetanos modernos trazem, na cultura e na religião, vivos vestígios da extinta Atlântida, de onde se originaram.

Se aquele jato que cruzava de Kathmandu para Nova Délhi prosseguisse sobrevoando o mesmo paralelo, iria chegar ao Caribe. Segundo a Tradição primordial, na vasta região entre a costa norte do Brasil e a costa sul dos Estados Unidos, existiu a parte mais central da Atlântida. Sua capital, Shamballah, ficava na parte mais a leste dessa área, já saindo para o pleno Oceano Atlântico.

Porém, a História não é (ao contrário de como a definia ironicamente Eça de Queiroz) uma velhota que se repete sem parar. Há indicações de que as terras onde deve começar a nova Idade de Ouro estariam mais para a América do Sul. E os tibetanos tomaram emprestado o antigo nome chinês do Novo Mundo – Fu Sang – para designar o Brasil.

Mário Roso de Luna, que assumiu, em sua vasta obra escrita, colocações baseadas nos ensinamentos e indicações da Grande Fraternidade (os quais vêm a ser a mesma Tradição primordial), escreveu num artigo:

“O país de Pinzón, Cabral e Lepe de Souza [o Brasil], por sua vizinhança com a Europa e a África; por sua mescla de raças e por numerosas outras razões, demonstra excepcionais características que nos dão o direito a dizer que seu futuro é semelhante ao da América do Norte, que em cultura nada fica a dever à Europa”.

Roso de Luna fez esta observação logo depois da Segunda Guerra Mundial, quando os europeus como ele já reconheciam unanimemente a ascensão política, econômica e cultural dos Estados Unidos. Como teosofista, o autor espanhol sabia que o papel espiritual destinado ao norte-americano poderia ser vir a ser desempenhado por outro povo, se aquele não cumprisse sua parte. E Roso de Luna já acenava com a alternativa programada, o Brasil.

É bem conhecida a profecia do bispo católico Dom Bosco (1815-1883), a quem foi dedicada, no início da construção de Brasília, uma pequena capela existente até hoje. Em um de seus sonhos-visões, de 3 para 4 de setembro de 1883, evidencia-se sua vidência profética da futura capital brasileira e das magníficas perspectivas abertas para o Brasil. Disse ele:

“Eu enxergava nas entranhas das montanhas e no seio profundo das planícies. Tinha ante meus olhos as riquezas incomparáveis desse país, as quais um dia hão de ser descobertas. Mas isto não era tudo. Entre os paralelos 15° e 20° havia uma depressão bastante larga e comprida, partindo de um ponto onde se formava um lago. Então, repetidamente, uma voz assim falou: Quando vierem escavar as minas ocultas no meio dessas montanhas, surgirá aqui a terra prometida, vertendo leite e mel. Será uma riqueza inconcebível”.

UMA TERRA SAGRADA NO RIO DE JANEIRO

A profecia de Dom Bosco é reconhecida como sinal de uma predestinação do Brasil em geral e de Brasília em particular. Mas também o Rio de Janeiro cabe (ou coube) nesse contexto.

Por incrível que pareça aos olhos dos moradores dessa bela cidade crivada de problemas, a atual região do Grande Rio foi programada como uma das Terras Sagradas do Brasil, destacando-se o ponto onde hoje se situa Teresópolis, na Serra dos Órgãos. Como se diz entre os ocultistas, onde há muita luz há também muita treva. Por isso, quem há pouco tempo olhasse para a estátua de Cristo no Corcovado e visse uma marca no seu peito, qual se tivesse sido golpeado pela ponta de uma lança, não deveria estranhar muito. Até 1976-77, essa marca estava bem visível. Depois, uma obra de manutenção a fez desaparecer, junto com outros vestígios do desgaste natural do monumento. Vendedores e prestadores de serviços a turistas, como motoristas de táxi que faziam ponto junto da base da estátua do Corcovado, diziam que aquele sinal fora feita por um raio. Aliás, lembrava o golpe da lança do centurião Longinos no peito de Jesus, no Gólgota.

Há um significado bem mais profundo no jogo de luzes e sombras que cobrem a história desse lugar (o Rio) ao mesmo tempo sagrado e complicado. Uma história que tem a ver com a presença dos fenícios, há uns três mil anos, no que é hoje o Rio de Janeiro e arredores. E que explicaria o perigo que pesou sobre a cidade, de ser invadida pelo mar. Ameaça já removida, pelo menos na escala anunciada. Tal perigo, enquanto esteve no auge, foi simbolizado naquela “chaga” no peito da estátua do Corcovado.

Tudo começou há quase três mil anos. Informações de várias fontes – ora acadêmicas, ora esotéricas – dão conta de que uma expedição de fenícios esteve por estes lados antes da Era Cristã. As fontes principais são o livro **“Inscrições e Tradições da América pré-histórica, especialmente do Brasil”** (1939), de Bernardo da Silva Ramos; o livro **“Fenícios no Brasil”** (1924), do misterioso imigrante austríaco Ludwig Schwenhagen; e principalmente, na parte mais mística e mítica, os escritos de Henrique José de Souza.

A trama tem início em 850 a C., em Tiro, capital da Fenícia, na Ásia Menor. A casta militar e religiosa insuflou uma revolta popular contra o rei Badezir, com o objetivo de mudar a forma de governo, de monarquia para uma república do tipo grego. Destronado, o monarca retirou-se com uma frota de seis navios, levando consigo um casal de filhos – os gêmeos Yetbaal, homem, e Yetbaal-Bey, mulher – mais um grupo de sacerdotes, navegadores e militares fiéis.

Segundo Henrique José de Souza no folheto **“Brasil Fenício – Brasil Íbero-Ameríndio”** (editado pela Sociedade Brasileira de Eubiose em 1983), a viagem tinha por objetivo principal estabelecer nestas terras as bases para uma nova civilização. Nisto, Badezir teria funcionado como um emissário ou agente do Governo Oculto do Mundo, que segundo a tradição ocultista mantinha, na época, um movimento organizado entre os fenícios, a escola de iniciação dos Cários. Ao que tudo indica, o rei de-

posto resolveu antecipar o programa do GOM, de reativação do centro espiritual da Evolução no Ocidente.

Este empreendimento fenício faz parte da formação das bases para o surgimento das Terras Sagradas do Brasil. Importante aqui é registrar que a tentativa de Badezir foi frustrada por um atentado tramado e executado pelos interesses contrários: a embarcação em que os gêmeos Yetbaal e Yetbaal-Bey atravessavam a Baía de Guanabara para ir celebrar um cerimonial mágico em Niterói foi posta a pique defronte do Pão de Açúcar. Eles morreram afogados.

No livro “**Aquém da Atlântida**”, o historiador Gustavo Barroso faz uma confirmação indireta deste mito, ao registrar certa lenda árabe, de incerta antiguidade, falando de uma “ilha Brasil”. Na entrada da barra, morava um certo *Mano Satanas* (“a mão do Diabo”), que ali provocava o naufrágio das embarcações. Barroso, que pertenceu à Academia Brasileira de Letras, anotou que “*o nome Brasil surge na geografia muito anteriormente ao descobrimento da grande região sul-americana banhada pelo Atlântico*”. Segundo ele, esse nome evoluiu de vários outros: Bracil, Berz’l, Braçur, Braxilis, O-Brasile, O-Brasil, Bresail, Hy-Bresail. Estas últimas denominações seriam de origem irlandesa.

A fonte de todos estes termos poderia estar mesmo no próprio nome *Badezir* (“Bra-dezir, Brazir, Brazil”). Na lenda de origem fenícia, conforme repassada por Henrique José de Souza, o rei Badezir, desgostoso com o fim trágico dos filhos, também morreu pouco depois. Durante um tempo, seu corpo ficou guardado no interior da esfinge fenícia que, desgastada pelo tempo, é vista modernamente como sendo um monumento natural, a Pedra da Gávea, no Rio. Lá já se encontravam os despojos dos filhos. Depois de sete anos, os restos mortais do rei foram transferidos para uma pirâmide no coração da floresta amazônica. Os dos filhos permaneceram na Gávea até a década de 50, quando foram recolhidos. Hoje, no interior da Pedra, segundo HJS, não há mais vestígio algum desse episódio.

O Gigante, a formação rochosa que vai do Pão de Açúcar (os pés) até a Pedra da Gávea (a cabeça), tendo como representação da fertilidade o Cristo Redentor, Corcovado, representa o momento crucial, o despertar de uma Nova Era, que patenteará as Terras Sagradas do Brasil. Uma era de Luz e Esplendor do III Milênio.

(O programa **Fantástico**, da Rede Globo de televisão, colocou no ar, em 1986, imagens aéreas de duas formações claramente piramidais existentes no mais profundo recesso da selva amazônica).

A operação conduzida por Badezir deve ser vista como uma “profecia preparada”, isto é, a ação preparatória de um futuro desejado e possível. Não deu certo, e por causa disto a ex-capital do Brasil estaria pagando um preço cármico – aliás, extensivo ao país como um todo. Os problemas urbanos do Rio de Janeiro de hoje, bem como a ameaça de invasão pelo mar, seriam em grande parte decorrente do carma gerado pela tragédia da família Badezir. Mas a própria remoção dos restos mortais fenícios afastou ou pelo menos minimizou tais perigos.

A programação evolucionar que destaca o Brasil garante-lhe uma cobertura capaz não só de afastar situações irremediáveis como de trazer um bom futuro em curto prazo. O malogro da tentativa fenícia não fez o GOM desistir de transferir o centro da evolução para estes lados.

A CIVILIZAÇÃO DOS ATLANTES E O BRASIL

Um dos indícios mais fortes apontando para o papel relevante do Brasil na civilização do Terceiro Milênio é o fato de as profecias criarem a expectativa de que, para alcançar uma nova Idade de Ouro, a evolução voltará a centrar-se nesta parte do mundo. Uma razão disto reside em que as duas principais capitais atlantes situavam-se por aqui, uma (a Cidade dos Telhados Resplandecentes) no planalto central do atual Brasil; outra (a Cidade das Portas de Ouro), na vizinhança das atuais águas territoriais brasileiras, o mar de 200 milhas, ao norte.

Este aspecto da questão relaciona-se com a saga do Coronel Fawcett e a expedição Roosevelt, ambas datando aproximadamente da mesma época (década de 20) e centrando-se na mesma região (planalto mato-grossense). Há fortes indícios de que tanto Percy H. Fawcett quanto Theodore Roosevelt procuravam ali a mesma coisa: vestígios de uma antiquíssima civilização. A história do primeiro é paradoxalmente mais clara que a do segundo, embora mais misteriosa. A de Roosevelt passa por ter sido uma viagem inteiramente despretensiosa, por esporte. Mas as duas expedições (que são mais bem abordadas em outro ponto) apontam para a existência de um grande mistério naquela região do Brasil. (Vejam Série Portal de Aquário – O Caminho do Fogo Sagrado)

Entre vários autores ocultistas, teosóficos e esotéricos, Arthur E. Powell, no livro **O Sistema Solar** (Ed. Pensamento, 1993, publicado originalmente em inglês, em Madras. Índia, 1930) refere-se à Atlântida como sendo um império mundial. Sua capital, Shamballah, localizava-se na faixa equatorial, entre as latitudes 5 e 15 norte, sobre o meridiano onde hoje se encontra o Cabo Branco, o ponto mais oriental do Brasil, no Estado da Paraíba.

O pesquisador Ernani M. Portela dá conta de tradições segundo as quais o império atlante tinha outra capital mundial, além de Shamballah. No artigo **“As profecias que atestam o advento da nova civilização”** (Revista Dhâranâ, março-junho de 1959), Portela informa que Shamballah, sendo o centro do império, era a sede do governo espiritual e principal. A outra era a sede do governo temporal (material, prático) e localizava-se no atual planalto de Roosevelt, em Mato Grosso.

Aquele planalto ganhou o nome de Theodore Roosevelt em comemoração à viagem que o então ex-presidente dos Estados Unidos fez à região na década de 20, em companhia do general (depois marechal) Cândido Mariano da Silva Rondon. Oficialmente, a expedição Rondon-Roosevelt destinava-se a atender ao interesse do líder norte-americano “por caçadas e lugares exóticos”. Ainda está por ser pesquisado até que ponto a mesma se relacionava com a **Missão Y**, na qual a retomada da civilização,

nos planos do GOM, oscilou entre dois centros alternativos / complementares: os EUA e o Brasil.

Na mesma revista “Dhâranâ”, da Sociedade Brasileira de Eubiose (SBE), Manuel Tenreiro Corrêa publicou uma série de artigos, descrevendo minuciosamente uma civilização pós-atlante que existiu onde hoje é o planalto central brasileiro. Construída por sobreviventes do cataclismo planetário que destruiu a Atlântida, conservou sua identidade cultural e memória histórica por nada menos de 200 mil anos. Terminou possivelmente por força de uma radical mudança climática, muitos milênios antes de surgirem os sumerianos e os egípcios.

*

A visão do Everest como sendo o Trono de Deus inspirou tão fortemente o viajante que ele, poucos dias depois, ao desembarcar em Bombaim, viria a ter um *insight*.

Ao sair da estação de passageiros na grande cidade indiana, ele notou na fachada o nome do aeroporto: *Santa Cruz Airport*. Foi um impacto, encontrar ali este nome tão português, ainda mais por se referir a uma das antigas denominações do Brasil. Então o forasteiro lembrou-se de que estava em uma região onde estiveram também os portugueses na época colonial. Sua ex-colônia de Goa não fica longe de Bombaim - palavra que deriva da expressão portuguesa “boa baía”.

De repente o viajante teve um aprofundamento de sua compreensão sobre a visão ocultista/esotérica da História do Brasil e do planeta.

Na grande trama da Evolução, foram os navegantes ibéricos – portugueses e espanhóis – que abriram o caminho marítimo para as Índias e o Novo Mundo. Aliás, este foi inicialmente chamado de Índias Ocidentais. Era a civilização marchando do Oriente para o Ocidente, de volta - tanto que na bandeira de Tomé de Souza, primeiro governador geral do Brasil, lia-se uma divisa em latim, “*Sic illa ad arcam reversa est*”, significando: “*E assim ela voltou para a arca*”. Ao que parece, este dizer evocava a volta da marcha da civilização à remota origem atlante.

E era uma etapa fundamental do plano que vem, de forma fantástica, quase inacreditável, mantendo sua continuidade através das eras, para chegar até aqui: Fu Sang, Hy-Bresail, Vera Cruz, Santa Cruz, Brasil, o País do Futuro, do futuro imediato.

Para seguir esse roteiro, é preciso mergulhar na visão ocultista da origem do mundo como palco sagrado onde se passam a tragédia e a comédia da espécie humana.